

T 8-10 JUN 2023

PROJETO
A MEU VER

INFORMAÇÕES
239 714 013 · 912 511 302
INFO@OTEATRAO.COM

19h · OMT · M12 · Dur. 90m · Espetáculo com audiodescrição

O Senhor Biedermann e os Incendiários

A partir do texto de Max Frisch

Teatrão



SINOPSE

Numa simpática cidade, o jornal local reporta diariamente notícias de edifícios incendiados. Biedermann, empresário de loções capilares, vê a sua calvície acelerar pelos nervos destes ataques. Mesmo estando bem informado e consciente da atualidade criminal, acolhe dois desconhecidos na sua mansão, chegando até a permitir que eles guardem barris e detonadores no seu sótão. Até que ponto a soberba e o excesso de confiança de Biedermann farão com que a sua mansão se torne manchete de jornal?

O Senhor Biedermann e os Incendiários é uma peça escrita por Max Frisch e publicada originalmente em 1958. Vista como metáfora da chegada ao poder do nazismo e do fascismo pela Europa fora, a peça parte da perplexidade que estes fenómenos provocaram e explora a lógica subtil e perversa como estes discursos funcionam. Com uma dose considerável de ironia, esta alegoria põe-nos frente a frente com uma análise do medo generalizado como o primeiro sintoma de uma democracia ameaçada.

O Senhor Biedermann e os Incendiários continua a ser apresentada um pouco por todo o mundo, como referência a todas as ameaças totalitárias. Uma das últimas adaptações nos EUA foi feita em 2017 pela Wolly Mammoth Theatre Company logo a seguir à eleição de Donald Trump, por exemplo. Em 1962, o Teatro Experimental do Porto estreia a peça em território nacional, com o título censurado “O Respeitável Senhor e os Seus Hóspedes”, numa encenação de João Guedes. No ano seguinte, já com o título atual e encenação de Pedro Lemos, “Biedermann e os Incendiários” foi levada a cena no Teatro Nacional D. Maria II, com todo o epílogo censurado. Na interpretação estiveram Pedro Lemos, José de Castro, Carlos Wallenstein e Cecília Guimarães. Em 1977, o Teatro de Animação de Setúbal apresenta a peça, sob o título “O Senhor Benquisto e os Incendiários”, numa encenação de Carlos Wallenstein. Já em 2013, a Companhia de Teatro do Barreiro encena o espetáculo, com o título “Biedermann e os Incendiários”.



SOBRE O AUTOR

Max Rudolf Frisch nasce a 15 de maio de 1911, em Zurique, na Suíça. Inicia-se na escrita ainda nos anos 30 do século passado, numa Suíça neutra, mas sempre ameaçada pelo expansionismo alemão. Depois de percorrer o sul e o leste da Europa entre 1934 e 1936, regressa a Zurique, onde estuda arquitetura, profissão que exerce depois de servir no exército suíço durante a Segunda Guerra Mundial. Já no pós-guerra, Frisch alcança enorme sucesso, no contexto da criação de uma nova dramaturgia alemã. Em 1947 conhece Bertolt Brecht, com quem se começa a corresponder regularmente e que encoraja Frisch a dedicar-se mais à escrita dramatúrgica. A peça de teatro *Santa Cruz* (1947), estabelece o tema central encontrado em todas as suas obras subsequentes: a situação do indivíduo – complicado e cético – na sociedade moderna. Esta ideia é encontrada dos primeiros dramas de Frisch como na peça moral *Nun singen sie wieder* (1946) ou nos melodramas históricos *Die chinesische Mauer* (1947) e *Als der Krieg zu Ende war* (1949). Frisch abandona a arquitetura em 1955 para se dedicar a tempo inteiro à escrita e, pouco depois, em 1958, publica *Biedermann und die Brandstifter* (“O Senhor Biedermann e os Incendiários”). Na década de 60, as suas peças já são representadas por toda a Europa, incluindo Portugal. Entre a sua obra teatral mais tardia contam-se *Andorra* (1961) e *Biografie* (publicada em 1967). Também autorou *Stiller* (1954), *Homo Faber* (1957), *Gantenbein* (1964), edições que cimentam a sua fama como romancista. Em 1970, funda ao Gruppe Olten ao lado dos dramaturgos Adolf Muschg, Peter Bichsel, Otto F. Walter e Friedrich Dürrenmatt. Em abril de 1991, falece em Zurique, deixando um enorme legado na literatura europeia contemporânea.



COORDENAÇÃO

Estamos no segundo ano do projeto A MEU VER e, por isso, muitas coisas evoluíram desde o início dos trabalhos. Do ponto de vista artístico trabalha-se atualmente um texto teatral de um importante autor, Max Frisch, que cai como luva na atualidade política e social. Faz-se hoje teatro com mais conhecimento sobre dramaturgia e interpretação neste projeto, para falar sobre o estado do mundo, não para falar do problema, da deficiência, da diferença de cada um. Trabalha-se para que este grupo de participantes seja igual a qualquer outro grupo, trabalha-se a normalidade, a maior possível, focando o trabalho no potencial que o texto e a sua discussão encerra.

Há participantes de muitas idades, de muitas origens e com diferentes ambições. Há muitas maneiras de ver o mundo. Há quem veja assim ou assado. Há um grupo com que se trabalha e que aprende a remar, para o mesmo lado.

Isabel Craveiro

CONCEÇÃO DO ESPETÁCULO

Depois d’O que é invisível

Um ano e poucos meses depois de apresentarmos “O que é invisível”, o primeiro espetáculo feito com o grupo do projeto A MEU VER, propomos, desta vez, mostrar o que está somente à vista de todos.

Se, no ano passado, o nosso foco se voltou para as pequenas coisas, para a microscopia dos sonhos, para aquilo que apenas é visível quando paramos e olhamos para dentro de nós, agora propomos um ajuste focal para aquilo que se agiganta e somente se consegue ver, na sua verdadeira dimensão, quando, em conjunto, nos voltamos para aquilo que se apresenta à nossa frente. Chega-se a isto pelo meio das afinações que todos os processos artísticos requerem. Através destas, descobrimos a necessidade de somar, aos vários “Eus”, a que se deu voz anteriormente, um coro de vozes que dão a ver um “Nós”. Se antes, procurámos a diferença e individualidade dentro de um grupo que facilmente poderia ser rotulado por uma

circunstância em comum, a abertura do mesmo a todas as pessoas da comunidade circundante, fez-nos procurar espaços comuns e perspetivas apenas possíveis de ver quando em conjunto.

A afirmação da individualidade na demanda pela empatia neste processo artístico, fora então, apenas o primeiro passo num processo que nos permitiu ver como a maioria dos problemas, no correto foco, compete todos e não apenas àqueles que mais perto estão deles. Desta conclusão, resultara esta imagem: como num fogo que deflagra descontroladamente, a falta de um sentido de coletivo, torna-nos insensíveis às chamas que ameaçam casas distantes sem percebermos que, se nada feito, mais cedo ou mais tarde, também a nossa casa sucumbirá às chamas.

Por esta imagem, fazendo recurso do texto de Max Frisch, “O Biedermann e os Incendiários”, propomos agora ver algo mais ambicioso daquilo que é invisível, propomo-nos a ver aquilo que, por excesso de confiança, privilégio ou mera “emmimesmação” recusamos ver nas suas verdadeiras dimensões. Sugerimos, com este espetáculo que um ajuste de foco talvez seja necessário: talvez o fogo não seja tão grande assim para aqueles que dele estão perto, se as chamas não parecerem tão pequenas para aqueles que dele estão ainda estão longe.

Mariana Nunes e Telmo Ferreira

PARCEIROS

A inclusão social e acessibilidade são temas importantes para a sociedade em geral. É por isso importante promover tanto um como o outro em todas as áreas da vida. Isso significa garantir que as pessoas com deficiência tenham acesso a serviços e recursos que lhes permitam participar plenamente da sociedade. A criação de espetáculos adaptados com audiodescrição para pessoas com deficiência visual é apenas um exemplo. Esses espetáculos permitem que estas pessoas possam desfrutar da cultura e arte de forma mais inclusiva e participativa.

O projeto A MEU VER, tem-nos levado por caminhos ainda hoje pouco percorridos, mas que nos deixa com esperança de que este caminho agora desbravado, possa ser precursor de novas e grandes caminhadas, que unem a deficiência visual e a cultura. Através da parceria entre a ACAPO e o Teatrão, foi dada vida ao que defendemos colocando em prática a inclusão social e a oportunidade de sensibilizar a sociedade para estas questões. Através deste projeto, foi possível criar espetáculos onde os próprios utentes cegos e com baixa visão da instituição são “atores”. O projeto junta ainda elementos normovisuais da sociedade civil, potenciando ainda mais os objetivos de inclusão e de uma sociedade participativa no seu todo. A MEU VER é uma enorme conquista!

Ana Eduarda Ribeiro, ACAPO

Mediação cultural: a experiência artística e o potencial individual

As artes constituem uma importante ferramenta de desconstrução, questionamento e crítica social, bem como de reconstrução e apresentação de novas narrativas da realidade. No caso das pessoas com deficiência, o acesso e participação na prática artística e cultural, bem como a construção de uma linguagem própria que possa expressar as suas experiências, tem vindo a assumir um lugar de destaque e a apresentar-se como uma reivindicação e como um direito das pessoas com deficiência.

O projeto de inclusão pela arte “A Meu Ver”, desenvolvido pelo Teatrão, apresenta-se, precisamente, como um espaço de formação e integração na prática teatral de pessoas cegas ou com baixa visão. Este projeto, presentemente no segundo ano de implementação, agrupa uma vertente de formação e criação artística a uma vertente de intervenção no espaço cultural da cidade de Coimbra e tem permitido explorar as possibilidades da educação e da prática artística nos processos de mediação e transformação cultural. Efetivamente, fazendo respaldo de uma perspetiva de direitos humanos, este projeto procura também contribuir para a desconstrução de conceções e atitudes menorizadoras das pessoas com deficiência e das suas potencialidades individuais.

O espetáculo que agora vem a público – “O Senhor Biedermann e os Incendiários”, a partir do texto de Max Frisch - representa o culminar de um processo de criação, formação e intervenção artística do “A Meu Ver”, e de trabalho árduo e dedicado de todas as pessoas participantes que abraçaram este projeto, abrindo novos caminhos para as possibilidades mediadoras e inclusivas da prática artística.

**Cláudia Pato de Carvalho, Fernando Fontes
[Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra]**

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

TÍTULO O Senhor Biedermann e os Incendiários

TEXTO Max Frisch

DIREÇÃO Mariana Nunes e Telmo Ferreira

COORDENAÇÃO DO PROJETO Isabel Craveiro,

João Santos

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA Cláudia Carvalho,

Fernando Fontes

INTERPRETAÇÃO António Pereira, Armando Sousa,

Carla Rodrigues, Carlos Pimentel, Cati Ramos,

Clara Pinto, Eliana Ramos, Eunice Santos,

Graça Alves, Graça Cruz, Guida Álvaro,

Isabel Marques, Isabel Pimentel, José Ribeiro,

Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso,

Marta Carriço, Sandra Cavaleiro

DESENHO DE LUZ Jonathan de Azevedo

BANDA SONORA Diogo Figueiredo

FIGURINOS E CENOGRAFIA Filipa Malva

GRAFISMO Studio And Paul

FOTOGRAFIA Carlos Gomes, Mário Canelas,

Paulo Abrantes e Teresa Valente

COMUNICAÇÃO Luís Marujo, Margarida Sousa

PRODUÇÃO Isabel Craveiro, Cátia Oliveira,

Eva Tiago

DIREÇÃO DE CENA Afonso Abreu

APOIO LOGÍSTICO Filipe Gomes

PARCEIROS Partis & Art for Change, Fundação

Calouste Gulbenkian, Fundação “la Caixa”



CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO

A Meu Ver

A MEU VER é uma iniciativa conjunta do Teatrão e da ACAPO Coimbra que, partindo da criação de um núcleo de trabalho dedicado à prática teatral constituído na sua maioria por pessoas com deficiência visual, procura uma interferência clara nas diferentes dimensões da vida dos seus participantes, tirando partido da complexa e multifacetada relação que a prática cultural pode ter com as transformações no ser humano.

A MEU VER é um projeto financiado pelo Programa PARTIS & Art for Change, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação “la Caixa”, e pela Direção-Geral das Artes/República Portuguesa, contando, ainda, com parceiros ligados à academia – o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – e ao poder local – o Município de Coimbra.

Cruzando um conhecimento artístico, académico e social para o trabalho direcionado a pessoas com deficiência visual, através de oficinas e outras práticas que permitam a construção de uma nova visão crítica sobre a sua realidade, A MEU VER pretende contribuir para que os seus participantes se emancipem e adquiram visibilidade dentro da comunidade, reivindicando assim uma cidadania plena.

Teatro

Criámos uma oficina regular de teatro a que chamámos Sala de Ensaios e que tem desenvolvido, com uma equipa artística profissional e multidisciplinar, a produção de espetáculos, com estreia e temporada na Oficina Municipal do Teatro (OMT). É nosso objetivo que estas mesmas criações possam circular por outros equipamentos nacionais ou internacionais, através dos parceiros da Organização Nacional de Cegos de Espanha (ONCE). Em 2022, estreámos “O que é invisível” – espetáculo-percurso pela Oficina Municipal do Teatro e cuja dramaturgia foi construída a partir dos universos individuais de cada participante. Este ano, procurámos aprofundar os desafios artísticos, no que diz respeito à proposta de encenação, à interpretação e à dramaturgia utilizada. Assim, servimo-nos do texto “O Senhor Biedermann e os Incendiários”, de Max Frisch, para criar o espetáculo que vamos apresentar entre 8 a 10 de junho na OMT.



Comunidade

A prática teatral com pessoas com deficiência visual é praticamente inexistente em Portugal. A produção de conhecimento a partir desta experiência, o estudo e acompanhamento de outras práticas internacionais e o contacto com cientistas sociais já com reflexão nesta área é fundamental. Daí que tenha nascido uma parceria internacional com coletivos teatrais associados à ONCE, nomeadamente os núcleos da Corunha, Sevilha e Madrid, que desde a década de oitenta do século passado têm desenvolvido uma prática continuada de produção e digressão de espetáculos com resultados muito expressivos para intérpretes e comunidades. Também por isso, convidámos os investigadores Fernando Fontes e Cláudia Pato de Carvalho do CES-UC para acompanhar, monitorizar e medir os impactos deste projeto na vida dos seus participantes.

Acessibilidade Cultural

A MEU VER é também uma intervenção sobre a cidade de Coimbra, nomeadamente no que à acessibilidade cultural diz respeito. A OMT é o único espaço da cidade que faz parte da Rede de Teatros com Programação Acessível, integrando, na sua programação regular, tradução em Língua Gestual Portuguesa e, a partir de 2022, serviço de Audiodescrição. Esta oferta integra espetáculos da companhia ou acolhimentos externos nas áreas do teatro e da dança. Nesse mesmo ano, programámos a formação “Além do Físico: barreiras à participação cultural”, da Acesso Cultura, dirigida a agentes, programadores, diretores, gestores, mediadores e produtores culturais da cidade e região. Por outro lado, em parceria com o Município de Coimbra, programámos o seminário “Coimbra Cultura Acessível”, onde procurámos iniciar uma discussão sobre as políticas de acessibilidade a espaços culturais na cidade para desenhar a transição a operar para uma cidade culturalmente mais acessível. O impacto destas atividades e a visibilidade destas práticas para a restante comunidade é uma outra dimensão fundamental de A MEU VER. Neste sentido tornou-se ainda mais importante a produção de materiais, como artigos científicos, que

inscrevem este projeto no tempo e contribuem para a sustentabilidade futura do mesmo.

Participantes

Inicialmente, o grupo foi composto por indivíduos com graus diversos de deficiência visual. Mais de metade vive em isolamento social, dependente, e sem participação cívica. Uma parte dos utentes teve acesso à formação profissional e trabalha, embora o seu rendimento não permita a independência financeira. No que toca à atividade cultural, raramente consomem bens culturais, tendendo a circunscrever esta atividade ao seu domicílio, à televisão ou rádio. A sua participação no projeto tem concretizado a sua integração do núcleo teatral, no processo de ensaios e de produção das criações e em ensaios abertos. Entretanto, a partir de uma open call de setembro de 2022, o grupo de teatro passou a integrar também participantes normovisuais, perfazendo um grupo de 18 pessoas.



Timeline do Projeto

2021	1 DE JANEIRO Arranque do projeto 14 DE MAI Primeira sessão Sala de Ensaios 25 DE SETEMBRO Arranque da Zona de Saída com o espetáculo Aldebarã
2022	1 DE MARÇO Teatrão passa a integrar a Rede de Teatros com Programação Acessível 8 DE MARÇO Formação "Além do Físico: Barreiras ao Acesso Cultural", orientada por Maria Vlachou da Acesso Cultura 25-27 DE MARÇO Estreia de "O que é invisível" 2 DE ABRIL Acolhimento de "Ataque Preventivo", pelo Teatro Valacar (coletivo ligado à ONCE) 3 DE ABRIL Oficina "Teatro de Emergência", pelo encenador Pedro Rubín 9 DE JUNHO Seminário "Coimbra Cultura Acessível", em parceria com o Município de Coimbra 1 DE SETEMBRO Open call a novos participantes para integrar a segunda criação A MEU VER
2023	23 DE JANEIRO Primeiro encontro do laboratório "Acessibilidade às práticas artísticas da comunidade com deficiência visual", em parceria com a Filarmónica Enarmonia. 28 DE FEVEREIRO Defesa da tese de Mestrado "Deficiência e práticas artísticas: o papel do teatro na formação da identidade das pessoas com deficiência visual", da autoria de Susete Margarido. Tese resultante do acompanhamento do primeiro ano do projeto. JUNHO Estreia de "O Senhor Biedermann e Os Incendiários" Publicação do artigo "A experiência artística, a participação cultural das pessoas com deficiência e as possibilidades mediadoras da arte", da autoria de Cláudia Pato de Carvalho, Fernando Fontes e Susete Margarido, na Revista Lusófona de Estudos Culturais, Vol. 10, N.º 1.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Mariana Nunes | Professora

Nasceu em Coimbra a 24 de Julho de 1983. Licenciada em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra desde 2006, desenvolveu até à data diversos trabalhos como atriz, formadora de teatro, sendo também convidada por projetos pontuais para a criação de figurinos, adereços e cenografia. Exerce desde 2008 funções como professora de teatro e animadora cultural na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, onde fundou o coletivo Sala T com o qual desenvolve um trabalho que privilegia a intervenção com e na comunidade. Do trabalho com este grupo, composto por frequentadores do CAO (Centro de Atividades Ocupacionais) e URDP (Unidade de Reabilitação de Deficientes profundos), destacam-se projetos como “Manual de instruções”, “MUDO”, “RIMROD”, “Isto não é uma exposição”, “Valentinas” e “Caminho para Casa/Caminho em casa”. Ainda nesta instituição participou em projetos e formações transnacionais no âmbito do programa Erasmus+, relacionados com o trabalho artístico com e para a deficiência, tais como “Share the right story” na República Checa, “Imagination has no barriers” na Hungria, “Changer ton regard” projeto conjunto associações parceiras de Bruxelas (Bélgica) e Nantes (França). Participou ainda no programa de mobilidade profissional “Strategies for Smart Specialisation in (Re)Habilitation in Cerebral Palsy”, que teve lugar em associações de várias cidades do norte de Itália. É ainda formadora da disciplina de expressão corporal e dramática no Instituto Técnico Artístico e Profissional de Coimbra.

Telmo Ferreira | Professor

Tendo a formação de base em Teatro em Educação pela ESEC, decide-se especializar em Educação Especial com o mestrado homónimo pela mesma instituição, em Teatro Físico pela Arthaus-Berlin e em Estudos Culturais pelo doutoramento, que atualmente frequenta, na Universidade de Aveiro. A sua ação divide-se entre a coordenação de projetos educativos/comunitários, dos quais se destacam a coordenação artística do Projeto Aproximar e Projeto MitoRealité, a atividade enquanto professor-investigador, sendo de momento docente assistente convidado na Escola Superior de Educação de Coimbra e Universidade de Aveiro, e a participação como ator em espetáculos de teatro, destacando-se o trabalho desenvolvido com as companhias Trincheira Teatro, O Teatrão e DRA/MAT.

Isabel Craveiro | Diretora artística, Teatrão

Isabel Craveiro é atriz, encenadora, pedagoga e diretora artística do Teatrão. A sua formação de base conjuga o teatro, a pedagogia e a intervenção artística na comunidade. Da sua formação como atriz e encenadora destaca as aprendizagens com Rogério de Carvalho, Antonio Mercado (Brasil/Portugal), Marco Antonio Rodrigues (Brasil), Valentyn Teplyakov (Russia) e João Mota. Da sua formação como pedagoga destaca os ensinamentos de Manuel Guerra, António Fonseca, Dragan Klaic (Sérvia). Tem feito formação noutras áreas, nomeadamente Cenografia com José Dias (Brasil) e Dramaturgia (Jorge Louraço Figueira). Interpretou e dirigiu textos de autores clássicos e contemporâneos para públicos infantis, jovens e adultos. Coordenou vários projetos de Teatro com a Comunidade desenhados e implementados em parceria com investigadores das ciências sociais (CES/UC) numa metodologia de investigação/ação. Desenha e coordena os programas do projeto pedagógico do Teatrão – Classes de Teatro, Detráspráfrete – Teatro e Memória, Aluvião, nomeadamente os projetos do programa PARTIS & ART FOR CHANGE – Bando à Parte e o programa atual A Meu Ver.

Ana Eduarda Ribeiro | Assistente Social, ACAPO

Nascida em 1976. Termina em 1999 a Licenciatura em Serviço Social no Instituto Superior Miguel Torga (Coimbra), tendo estagiado no Centro de Saúde de Santa Clara e desenvolvido um trabalho de estágio subordinado ao tema dos Cuidados Intra-familiares. Fez uma formação teórico-prática nas instalações da LaraMara em São Paulo, acerca de atendimento especializado em deficiência visual e multideficiência, com orientação de Ayola Cuesta, e realizou um estágio voluntário no serviço de Medicina Física e Reabilitação do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.

Trabalha na ACAPO desde 1999, trabalhando: na Assistência Social do Centro de Atendimento; no acompanhamento social de pessoas com deficiência visual (DV) e famílias; no atendimento técnico e encaminhamento de pessoas com DV e famílias; na promoção do desenvolvimento estrutural das pessoas com Deficiência Visual através da aquisição de competências sociais, relacionais e de autonomia; no desenvolvimento de ações de informação/sensibilização e ações de natureza cultural e recreativa assim como; na articulação com entidades do distrito.

Desde 2008, que coopera com a Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais (Equipa do Baixo Mondego), na Supervisão de prestadores de trabalho comunitário. Em 2010, passa a integrar a equipa da consulta de baixa visão do Hospital Pediátrico de Coimbra. A partir de 2013, torna-se elemento integrante do núcleo executivo da comissão Social de freguesia da União de freguesias de Coimbra (UFC), onde procede à avaliação de situações sociais pertencentes às freguesias que compõem a UFC, assim como é responsável pela elaboração de fichas de fundos sociais e respetivos pareceres.

PARCEIROS

ACAPO

São seus objetivos a inclusão de pessoas cegas e de baixa visão e a promoção dos seus direitos e interesses, em prol da melhoria da sua qualidade de vida. Disponibiliza respostas e serviços de apoio nas áreas da representação de interesses, da dinamização associativa, da promoção de atividades culturais e recreativas, da reabilitação e promoção da inclusão social, do apoio ao emprego e formação profissional, do apoio psicossocial e ainda no desenvolvimento de intervenções especificamente dirigidas para a comunidade, compreendendo a sensibilização, a formação e o apoio técnico.

Fundação Calouste Gulbenkian

É uma Fundação internacional, com sede em Portugal, que promove o desenvolvimento de pessoas e organizações, através da arte, da ciência, da educação e da beneficência, para uma sociedade mais equitativa e sustentável. Promovem um maior acesso à cultura e o poder transformacional da arte no desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Contribuem para reduzir desigualdades no acesso à educação e aos cuidados dos mais vulneráveis. Promovem o conhecimento, a investigação científica, e uma maior participação e envolvimento dos cidadãos e da sociedade civil, na construção de comunidades mais sustentáveis.

Fundação “la Caixa”

Pretende construir uma sociedade melhor e mais justa, dando mais oportunidades às pessoas que mais necessitam. Quer ser uma entidade de referência para a sociedade no desenvolvimento de soluções duradouras que: cubram as necessidades básicas dos grupos mais vulneráveis; favoreçam o progresso social dando resposta aos novos desafios na investigação, na formação de excelência e na educação; e que aproximem a ciência e a cultura a todos os segmentos da sociedade. É dada especial atenção aos programas com maior impacto transformador, como os que combatem a pobreza e a exclusão social, os que fomentam o emprego e os que ajudam a melhorar as condições de vida das pessoas mais vulneráveis.

21 de março 2022

Diário de Coimbra

SEGUNDA-FEIRA | 21 MAR 2022 | 03

Filme de Bong Joon-ho para ver na quarta-feira

"Cão que ladra não morde" é o título do filme que, quarta-feira, é exibido na Casa do Cinema de Coimbra, a partir das 21h30. Realizado por Bong Joon-ho o filme é integrado na programação do Fila K Cineclub

Coimbra

Actores cegos e amblíopes mostram "o que é invisível"

Teatro Trabalho desenvolvido em colaboração com O Teatrão coloca utentes da delegação de Coimbra da ACAPO em palco. Espectáculo estreia sexta-feira

A Milu, o Armando e o Paulo são três dos utentes da delegação de Coimbra da ACAPO - Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal que, na sexta-feira, sobem ao palco da Oficina Municipal de Teatro para falar de si e para mostrarem "O que é invisível".

Poucos minutos antes de ter início mais um ensaio, Milu, de 64 anos, é uma das mais entusiastas, empolgada por vestir a pele de uma donzela, vaidosa, e que da sua janela descreve pormenorizadamente o homem que lhe arrebata o coração. «Já participei noutras peças de teatro da instituição e gostava muito de ter sido actriz», confidenciou a utente da delegação de Coimbra da ACAPO. A estreia do espectáculo "O que é invisível" está agendada para as 19h00 de sexta-feira, apresentando-se novamente no mesmo horário de sábado e às 17h00 de domingo. Integrada na programação do projecto "A meu Ver", esta é a primeira criação de um ciclo de trabalho de três anos, desenvolvido pelo "O Teatrão", em colaboração com a ACAPO de Coimbra, no âmbito do Programa PARTIS & Art for Change - Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação "La Caixa".

«Esta é a primeira fase deste projecto de três anos e tem apenas utentes da instituição. No



Peça "O que é invisível" vai estrear na sexta-feira, repetindo sábado e domingo

próximo ano vamos abrir o grupo a outras pessoas da cidade, para trabalharmos no sentido da inclusão», revelou a coordenadora do projecto e diretora de "O Teatrão", Isabel Craveiro.

O projecto, que criará três espetáculos originais, trabalha com a rede familiar e social dos participantes, tem acompanhamento e produção científica e desenvolve parcerias nacionais e internacionais com outros colectivos congêneres.

«Este é um projecto que gera também um grande impacto no Teatrão, porque a partir deste projecto conseguimos um financiamento de um programa da Direcção-Geral das

Artes (projeto Artes sem Limites), que permitiu a aquisição de uma cabina de áudio-descruição. Neste momento, "O Teatrão" tem espetáculos com tradução de língua gestual portuguesa e áudio-descruição que, se não tivéssemos o "A meu Ver", não aconteceria», apontou.

"Esta é a primeira fase deste projecto de três anos e tem apenas utentes da instituição"

Mariana Nunes e Telmo Ferreira são os encenadores de "O que é invisível", um espetáculo criado e pensado tendo em

conta o facto de estar em palco um grupo amador de pessoas cegas ou de baixa visão.

«Foram criadas estratégias para se orientarem e não se perderem, conseguindo estar em cena de forma liberta. O percurso foi todo delimitado por uma corda, que faz o balizamento entre espaços que são ou não de cena», descreveu Mariana Nunes.

Todos os pormenores foram estudados, calculados e entre as estratégias de orientação estão também o contar de passos, as deixas de som e até de movimento. «Ao longo do percurso falam-nos do espaço onde estão, como o observaram através dos outros senti-

dos e criam ficção sobre aquele espaço e também falam de si», acrescentou.

Olhar o mundo com outra visão

De acordo com Telmo Ferreira, a história levada a cena «é um bocadinho biográfica, no sentido de que ilustra um pouco o que foi o início do projeto». «Queriam fazer este espetáculo porque não queriam ficar em casa e isso inspirou-nos. Tentámos descobrir todos os pontos deste espaço de uma forma original e regida pelo que eles queriam conhecer, daí ter originado uma espécie de visita guiada, orientada pela biografia deles e pela sua curiosidade sobre o espaço», referiu.

Segundo um comunicado da Celium, o BCC «é fruto do entusiasmo e paixão pela arte do Bonsai», tendo sido criado em 2014, quando em parceria com a Casa do Povo de Ceira, fixou sede nas suas instalações, onde, desde então, e de forma regular levantava a efetiva um encontro, todos os terceiros sábados de cada mês entre as 10h00 e as 12h30. A Direcção da IPSS, no âmbito das suas parcerias, já solicitou a colaboração de Fernando Santos Costa, dirigente e impulsor do BCC e, simultaneamente presidente da Mesa da Assembleia Geral da Celium, para a preparação de um Bonsai de Carvalho, para colocar na Residência Sénior Celium. De igual forma, plantaremos um Carvalho na área de mata da quinta que recebe este empreendimento. O Carvalho é um símbolo de força e resistência, porque é uma árvore imponente, robusta e de grande longevidade. «Também é o que desejamos para a instituição que representamos», concluiu o comunicado.¶

Celium assinala Dia da Árvore com workshop

A Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) Celium vai assinalar amanhã, entre as 10h30 e as 11h30, o Dia da Árvore com um workshop sobre Bonsai, ministrado pelo Bonsai Clube do Centro (BCC). Com esta iniciativa pretende-se, de forma lúdica, despertar sentidos junto dos utentes da IPSS, demonstrando aquilo que a Celium «sempre» procura realizar. Serão demonstrados pequenos trabalhos associados a esta arte milenar, com uma mostra de alguns exemplares de bonsai.

Dos 11 elementos cegos ou de baixa visão que sobem ao palco, Armando Sousa é o mais velho: tem 73 anos. Faz par romântico com Milu, por quem se deixa conduzir nas gargalhadas e na dança que levam a cena.

A experiência é igualmente divertida para Paulo Pereira, que venceu a timidez e descoubiu outras capacidades. «Há um ano procurei esta experiência para me ajudar a diversificar o meu dia-a-dia, quando estávamos em plena pandemia. Tem sido a minha primeira experiência no palco e estou a gostar bastante», disse.

Apesar de ter uma visão entre 5 a 10%, dependendo da luminosidade, a sua performance inclui algumas "voltas" de bicicleta. O «segredo» em palco passa «por conhecer bem o espaço e adoptar estratégias» que o ajudam a localizar e movimentar, nomeadamente os sons e as riscas que se destacam no solo. No palco, como na vida, o «segredo» é «olhar» para o mundo com «outra visão».¶

Utentes da ACAPO compõem elenco de peça de teatro que estreia sexta-feira

••• A delegação de Coimbra da ACAPo - Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal que na sexta-feira sobe ao palco da Oficina Municipal de Teatro para falarsem de si e para mostrarem a peça de teatro "O que é invisível".

A estreia do espetáculo "O que é invisível" está agendada para as 19H00 da sexta-feira, apresentando-se novamente no mesmo horário de sábado e às 17H00 de domingo.

Milu, de 64 anos, é uma das mais entusiastas, empolgada por vestir a pele de uma donzela, vaidosa, e que da sua janela descreve pormenoradamente o homem que lhe arrebata o coração. "Já participei



noutras peças de teatro da instituição e gostava muito de ter sido atriz", confidenciou a utente da delegação de Coimbra da ACAPo à agência Lusa.

Condicionantes foram pensadas

Mariana Nunes e Telmo Ferreira são os encenadores de "O que é invisível", um espetáculo criado e pensado tendo em conta o facto de estar em palco um grupo amador de pessoas cegas ou de baixa visão.

"Foram criadas estratégias para se orientarem e não se perderem, conseguindo estar em cena de forma liberta. O percurso foi todo delimitado por

uma corda, que faz o balizamento entre espaços que são ou não de cena", descreveu Mariana Nunes.

Todos os pormenores foram estudados, calculados e entre as estratégias de orientação estão também o contar de passos, as deixas de som e até de movimento.

Durante a peça vão subir 11 elementos cegos ou de baixa visão a palco.

A peça de teatro está integrada na programação do Projeto 'A MEU VER', esta é a primeira criação de um ciclo de trabalho de três anos, desenvolvido pelo "O Teatrão", em colaboração com a ACAPo de Coimbra, no âmbito do Programa PARTIS & Art

for Change - Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação "La Caixa".

"Esta é a primeira fase deste projeto de três anos e tem apenas utentes da instituição. No próximo ano vamos abrir o grupo a outras pessoas da cidade, para trabalharmos no sentido da inclusão", revelou a coordenadora do projeto e diretora de "O Teatrão", Isabel Craveiro.

O projeto, que criará três espetáculos originais, trabalha com a rede familiar e social dos participantes, tem acompanhamento e produção científica e desenvolve parcerias nacionais e internacionais com outros coletivos congêneres.

17 de março 2022

A Cabra – <https://www.acabra.pt/2022/03/teatraqo-apresenta-oferta-cultural-inclusiva-em-coimbra/>

20 de março 2022

RTP – https://www.rtp.pt/noticias/cultura/utentes-da-acapo-compoem-elenco-de-peca-de-teatro-que-estreia-na-sexta-feira-em-coimbra_n1392623

Porto Canal – <https://portocanal.sapo.pt/noticia/294549>

Campeão das Províncias – <https://www.campeaoprovincias.pt/noticia/teatraqo-estreia-o-que-e-invisivel-em-parceria-com-a-acapo>

Coimbra Coolectiva – <https://coimbracoolectiva.pt/historias/temas/cultura/cidade-ouvida-agora-quem-quer-programar-na-oficina-municipal-do-teatro/>

23 de março 2022

Mundial FM – <https://mundialfm.sapo.pt/teatraqo-estreia-este-fim-de-semana-espetaculo-o-que-e-invisivel/>

25 de março 2022

Público – <https://www.publico.pt/2022/03/25/culturaipsilon/noticia/invisivel-peca-sentidos-abrir-horizontes-2000086>

O TEATRÃO É UMA ESTRUTURA APOIADA E FINANCIADA POR:



CÂMARA MUNICIPAL
DE COIMBRA

O TEATRÃO INTEGRA:



rede de
teatros com
programação
acessível



FINANCIADORES:



UMA INICIATIVA:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



PARCEIROS:



ACAPO
ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS
E AMBLÍOPES DE PORTUGAL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra